

## Mecanismos prosódicos do vocativo e indicação de foco na escrita

*Vocative prosodic mechanisms indicating focus in writing*

José Olímpio de MAGALHÃES (UFMG)  
jolimpio@ufmg.br  
Juliana Costa MOREIRA (UFMG)  
julianaichs@yahoo.com.br

MAGALHÃES, José Olímpio de; MOREIRA, Juliana Costa. Mecanismos prosódicos do vocativo e indicação de foco na escrita. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 30-45, jan./jun. 2017.

**Resumo:** É consenso na literatura que focalização diz respeito ao destaque que se dá a elementos durante a produção linguística, bem como que o constituinte focalizado constitui informação nova (HELDNER & STRANGERT, 2001; MORAES, 2006; MAKINO & MEDEIROS, 2001; KENNEDY, 1999; GONÇALVES, 1997). O trabalho que ora apresentamos constitui um início de nossa contribuição ao projeto “Cartas ao Papai Noel: a escrita em Minas Gerais”. Ora, dentre os diversos mecanismos de foco utilizados por missivistas, o que mais se destaca no gênero carta é o uso, segundo Cunha & Cintra (2000), de “um elemento utilizado para atrair a atenção do ouvinte, para identificá-lo e para manter contato, isto é, um elemento que serve para invocar ou chamar, com maior ou menor ênfase, uma pessoa ou coisa personificada” – o vocativo – que, apresenta uma grande carga prosódica e pode provocar focos sintáticos a depender da sua posição na oração. Os resultados numéricos dos usos

do vocativo no corpus demonstram que são empregados mecanismos prosódicos não somente para caracterizar diferentes tipos de vocativos, mas também para mostrar como tais mecanismos são, muitas vezes, utilizados para focalizar constituintes sintáticos, apontar para indicações pragmáticas e para outras informações linguísticas importantes.

**Palavras-chave:** Vocativo. Posição sintática. Foco prosódico.

**Abstract:** According to the literature the focalization is a reinforcement of some elements in the linguistic production where this focalized constituent represent a new information (HELDNER & STRANGERT, 2001; MORAES, 2006; MAKINO & MEDEIROS, 2001; KENNEDY, 1999; GONÇALVES, 1997). This paper is a begining of our contribution to te project “Letters to Santa Claus: the writing in Minas Gerais”. As Cunha & Cintra (2000), among the various focus mechanisms used by letter writers, what stands out the most, as expected in the letter genre, is the use of “an element used to attract the attention of the listener to identify him/her and to keep in touch. In other words, it is an element that serves to invoke or call, with more or less emphasis, a person or a personified thing “- the vocative - which features a large prosodic load, and can cause syntactic focus depending on its position in the clause. The numerical results of the uses of the vocative in the corpus demonstrate that prosodic mechanisms are used not only to characterize different types of vocatives, but also to show how such mechanisms are often used to focus on syntactic constituents, pragmatic indication and others linguistic informations.

**Keywords:** Vocative. Syntactic position. Prosodic focus.

## Introdução

O estudo que ora apresentamos constitui um início de nossa contribuição ao projeto maior coordenado pelo Prof. Dr. Lorenzo Vitral (UFMG), que tem como título “Cartas ao Papai Noel: a escrita em Minas Gerais”. A proposta de trabalho desse projeto maior é realizar a transcrição das “cartas da sociedade” ao Papai Noel (cerca de 1000 cartas selecionadas), de maneira que esse conjunto de textos constitua um corpus que possa servir de base para a descrição e a análise de fenômenos linguísticos a serem realizadas por diferentes pesquisadores.

O fato de essas “cartas da sociedade”<sup>1</sup> não passarem pela chancela da escola e de serem escritas não apenas por crianças, mas também por jovens e adultos, leva-nos a conjecturar que, pelo menos em parte das cartas, trata-se de escrita espontânea, o que é também favorecido pelo

---

<sup>1</sup> Todos os anos, os Correios e Telégrafos recebem, na época do Natal, cartas endereçadas ao Papai Noel, escritas e postadas por estudantes do Ensino Fundamental, com o auxílio das escolas e dos professores. Parte das cartas, no entanto, nomeadas de “cartas da sociedade” – cerca de 10 mil em 2011 – não atendeu aos critérios do programa, que aceitava apenas cartas de crianças de até 10 anos e que tivessem sido encaminhadas pelas escolas. Porém, a partir de 2012, as “cartas de sociedade” puderam participar da distribuição dos presentes da mesma maneira que aquelas produzidas no âmbito escolar.

fato de expressar os desejos ou sonhos dos missivistas, e com potencial para retratar o emprego da modalidade escrita de maneira ampla.

Então, a partir dessas cartas transcritas, propusemos-nos a procurar pelas indicações que remetiam a uma focalização sintática ou a uma focalização prosódica utilizando diferentes recursos da escrita, mesmo sabendo que o foco prosódico esteja mais relacionado à expressão oral.

É consenso na literatura que focalização diz respeito ao destaque que se dá a elementos durante a produção linguística, bem como que o constituinte focalizado constitui informação nova (HELDNER & STRANGERT, 2001; MORAES, 2006; MAKINO & MEDEIROS, 2001; KENNEDY, 1999; GONÇALVES, 1997). Embora as línguas tenham uma tendência a escolherem um mecanismo de focalização – prosódico, sintático ou morfológico –, é comum haver a coocorrência deles em uma mesma língua. É o caso do Português Brasileiro (doravante PB), no qual o foco sintático muitas vezes coocorre com o prosódico (GONÇALVES, 1997).

Leite (2009) e Leite e Magalhães (2010), falando sobre foco sintático e sobre estudos relacionados ao foco prosódico, constataam que variações na estrutura sintática default podem ser consideradas mecanismos de focalização. O PB é uma língua cuja estrutura sintática básica apresenta a ordem Sujeito-Verbo-Objeto. Estruturas sintáticas em que essa ordem é quebrada, com a existência de inversões, são consideradas mecanismos sintáticos de focalização. São exemplos desses mecanismos a topicalização e o deslocamento à esquerda, bem como a clivagem de sentenças (PONTES, 1987; GONÇALVES, 1998).

As investigações sobre o padrão prosódico do foco em PB, por considerarem-no uma proeminência, destacam que há o aumento nos valores da fo, fazendo com que haja modificações na curva melódica. Parece haver uma tendência à antecipação de pitch (MAKINO e MEDEIROS, 2001), como demonstram a maioria dos resultados de Gonçalves (1997), os padrões encontrados por Moraes (2006) para a focalização contrastiva com valor exclusivo, e por Makino e Medeiros (2001) para as paroxítonas e oxítonas focalizadas. Quanto à duração, não há um consenso, já que Gonçalves (1997) não a considera um parâmetro relevante na maioria dos casos por ele investigados, enquanto Batista (2007) e Leite (2009) assumem a importância da duração.

Embora o foco prosódico esteja mais relacionado à expressão oral, queremos, nesta pesquisa, analisar os recursos empregados pelos

produtores das “cartas da sociedade” escritas ao Papai Noel para manifestarem o foco prosódico.

Iniciamos a pesquisa lendo 50 cartas (dez de cada grupo<sup>2</sup> do corpus), para criar uma tipologia dos diversos mecanismos de focalização. Tal tipologia foi surgindo à medida que líamos as cartas e chegamos à seguinte proposta de tipologia que julgamos ser indicadora de focalização (citamos um exemplo para cada caso, a título de ilustração apenas):

- i. Referências explícitas a tempo ou situação dos acontecimentos:



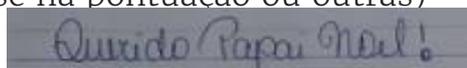
“Aqui quem escrevi é...”

- ii. Chavões ou vocativos que têm uma leitura com entoação padrão (inde



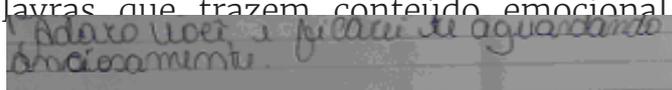
“Olá papai Noel meu nome é...”

- iii. Chavões ou vocativos que têm uma leitura com entoação padrão (com ênfase na pontuação ou outras)



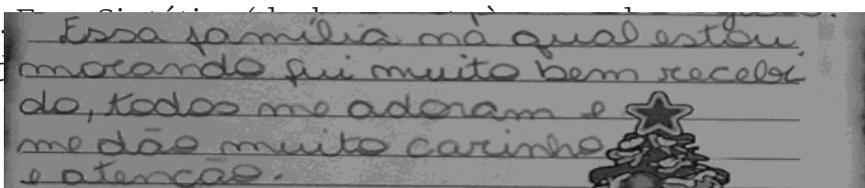
“Querido Papai Noel!”

- iv. Palavras que trazem conteúdo emocional ou de reforço (ênfase):



“Adoro você e ficarei te aguardando ansiosamente.”

- v. Símbolos (estrela, árvore de Natal) repetição através de



<sup>2</sup> Os missivistas estão distribuídos em cinco grupos: criança-menina; criança-menino; jovem-menina; jovem-menino; adultos.

“Essa família na qual estou morando fui muito bem recebido, todos me adoram e me dão muito carinho e atenção.”

implícita

papai Noel eu estou  
desempregada tenho um filho  
de cinco anos ele me perde um  
patinete mas não tenho  
condições de comprar por  
favor me ajude a realizar  
o sonho do meu filho  
ele quer boneca do  
max til o que você dar  
vou ficar muito agradecido

“papai Noel Eu estou Desempregada tenho um filho de cinco Anos ele me perde um patinete mas não tenho condições de comprar por favor me ajude a reatizar o sonho do meu filho Ele quer boneca do max til o que você dar vou ficar muito agradecido”

Eu fiz o curso no SENAI, de administração.  
pontos (abaixamento de voz).

“Eu fiz o curso do SENAI, de administração”

Não exemplificaremos exaustivamente nem discutiremos aqui os casos constatados dessa tipologia, já que isso envolveria uma discussão que extrapolaria o assunto desse texto.

Entretanto, o importante a afirmar é que os resultados preliminares de tal tipologia nos apontaram uma tendência a não se utilizar com frequência o foco sintático, contrariamente ao que propõe Pontes (1987). Dado o tipo de material pesquisado - cartas - ficou evidente que o recurso mais utilizado para marcar foco foi o uso do vocativo, constituinte sobre o qual falaremos no próximo item. Mesmo na linguagem escrita, o vocativo aponta para uma carga prosódica especial, que acaba provocando focos sintáticos e outros, de acordo com seu posicionamento na frase. Portanto, a pesquisa sobre o foco

acabou direcionando-nos para essa manifestação mais específica, da qual temos muitos exemplos.

### **Os vocativos**

Os vocativos, apesar de pouco explorados na literatura linguística, são empregados pelos usuários da língua, quotidianamente, ao se dirigirem a alguém ou a algo. Estes constituintes representam o ouvinte em sua relação com o falante na situação de interação e ocorrem, portanto, em uma multiplicidade de atos de fala para chamar, cumprimentar, perguntar, opinar, ordenar etc.

Na tradição gramatical, os vocativos são, geralmente, definidos em termos de sua função pragmática, sendo caracterizados como “expressões de chamamento” (MELO, 1978; CAMARA JR., 1981; LUFT, 1983; CUNHA & CINTRA, 1985; CEGALLA, 1985; BECHARA, 1999, além de outros). Para Cunha & Cintra (2000), o vocativo é um elemento utilizado para atrair a atenção do ouvinte, para identificá-lo e para manter contato, isto é, funciona como elemento que serve para invocar ou chamar, com maior ou menor ênfase, uma pessoa ou coisa personificada. E, além disso, os constituintes que desempenham função sintática de vocativo são apresentados pelos autores como elementos que têm uma “entoação exclamativa” e que estão isolados do resto da frase, como nos exemplos:

- (1) Filho, isso é só eles que sabem.
- (2) Hoje é aniversário da mamãe, João.

Nos exemplos (1) e (2), os exemplos “filho” e “João” são isolados do restante da construção por não apresentarem vínculo com a oração.

Pautando-se nos pressupostos da teoria gerativa, Mateus et al (2003) consideram que o vocativo “ocorre em posição periférica na frase, sendo definido também como uma função sintática desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizado em contextos de chamamento ou interpelação ao interlocutor. Outras perspectivas também identificam o vocativo como um elemento isolado (ZWICK, 2004 apud D’ALESSANDRO e VAN OOSTENDORP, 2010), e como um elemento “extrafrásico”, “periférico” ou “parentético” (DEHÉ & KAVALOVA, 2007, DEHÉ, 2009, ABALADA et al, 2011). Em suma, estes constituintes são analisados como adjuntos, isto é, como constituintes

situados em uma posição à parte.

Sob este ponto de vista, o vocativo é uma forma nominal que parece ser concebida como um constituinte que não faz parte da configuração estrutural da sentença. No entanto, como observa Moreira (2013), embora, aparentemente, os vocativos não façam parte da grade temática, podem ser correferentes com um dos argumentos da oração, como nos exemplos abaixo:

(3) José, eu já te expliquei isso tantas vezes.

(4) você não sabe de nada, Dorinha.

Em (3) o vocativo “José” é correferente do complemento “te” e, no exemplo (4), o vocativo Dorinha é correferente do sujeito “você”.

Como veremos, a seguir, o vocativo não ocorre aleatoriamente em qualquer posição na oração, mas em ambientes sintáticos específicos, como à esquerda da oração, à direita da oração, entre o verbo e o complemento de uma oração ou à direita de um tópico, por exemplo. A posição sintática do vocativo influencia na função pragmática que desempenha na situação de interação. O estudo do vocativo centra-se, portanto, na interface sintaxe-pragmática, não deixando escapar a interface com a prosódia, explorada aqui, sendo que há lugar também para outras interfaces, quais sejam, sintaxe-semântica e sintaxe-discurso. Trata-se, portanto, de um fenômeno de interface por excelência.

#### *Posição sintática e função pragmática*

Do ponto de vista sintático e prosódico, estudos recentes que abordam diferentes aspectos das construções contendo vocativo no português consideram que ele pode ser distribuído em três diferentes posições na oração (Cf. MOREIRA, 2008; CARVALHO, 2010, ABALADA, CABARRÃO & CARDOSO, 2011), como exemplificado, a seguir:

(5) Papai, o senhor vai chegar que horas?

(6) Vai ficar tudo bem, Emília.

(7) Você tem, Terezinha, um enorme coração.

(MOREIRA, 2013).

No exemplo (5), o vocativo se realiza à esquerda da oração; em (6), ocorre à direita; e, em (7), temos um vocativo dentro do enunciado. No primeiro caso, o falante enfatiza o vocativo, enquanto nos dois últimos exemplos, o falante opta por enfatizar outro constituinte interno à oração ou à própria oração.

Moreira (2013) observa que o vocativo pode ocorrer em outras posições no interior da oração e não somente entre o verbo e o complemento. Observamos que este constituinte ocorre à direita de tópicos, constituintes -qu, em períodos compostos, entre a oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal, como exposto, respectivamente, abaixo:

- (8) A vida, meu filho, às vezes, é mesmo ingrata com as pessoas.
- (9) Que lindo, João, é o seu bebê.
- (10) A mamãe disse, Pedro, que você não pode ir.
- (11) Tá na hora, Parisina, de você começar a enxergar as coisas.  
(MOREIRA, 2013).

O vocativo pode ocorrer também à direita de uma invocação, conforme observado em (13); no exemplo em (14), o vocativo coocorre com uma interjeição e uma invocação e, em (15), a interjeição exerce função de vocativo.<sup>3</sup>

- (12) Meu Deus, cuida do meu filho.
- (13) Meu Deus, Paula, o que é isso?
- (14) Ai, Meu Deus, José, e agora?
- (15) Ei! Espera aí.

Considerando exemplos como (13) e (14), torna-se mais nítida a distinção entre os vocativos e as invocações, sendo estas últimas um apelo a uma entidade não pessoal ou inanimada, como objetos da natureza, ou a uma entidade religiosa.

Segundo Hill & Stavrou (2013) e Moreira (2013), há dois tipos de interjeições: as partículas de chamamento, como “ei”, “oi”, “olá”, “psiu” e “ô” e interjeições propriamente ditas, como “ah”, “ai”, “nossa”. As primeiras juntamente com um vocativo configuram

<sup>3</sup> Distinguímos invocações (como “Meu Deus”) de vocativos, uma vez que estas não se referem a um interlocutor, como o vocativo, mas a uma entidade religiosa ou coisa personificada.

uma forma de chamamento. Assumimos, portanto, a existência dos dois tipos de interjeições: as propriamente ditas, que expressam o estado mental, as emoções e sentimentos do falante, e as partículas de chamamento indireto, que podem atuar como um chamamento ou como um cumprimento. Vejamos os exemplos:

- (16) a. Ai, Dorinha, não estou me sentido bem.  
b. Ô Maria, é hoje o dia do seu aniversário?  
(MOREIRA, 2013).

No exemplo (16)a., a interjeição “ai” precede o vocativo “Dorinha” e, em (16)b., a partícula de chamamento “ô” juntamente com o vocativo “Maria” configura uma forma de chamamento.

Há estudos sobre o vocativo na interface sintaxe-pragmática como os de Osenova e Simov (2002), Moreira (2008), Carvalho (2010) e Hill & Stavrou (2013) que consideram poder ser atribuída ao vocativo a interpretação de chamamento ou de destinatário, que, por sua vez, está relacionada à distribuição sintática do vocativo. Ao exercer função de chamamento, este constituinte serve ao propósito de estabelecer contato com o interlocutor. A entoação e o fato de ocorrer em uma posição inicial também caracteriza essa função. Utiliza-se também o vocativo com essa função quando o interlocutor está fora das coordenadas espaciais do falante. O falante utiliza o vocativo também para manter contato, reforçá-lo ou para evitar que o interlocutor se afaste. Neste último caso, o vocativo exerce a função de destinatário.

Moreira (2013) observa que as partículas de chamamento são os únicos constituintes que podem preceder um vocativo que exerce função de chamamento e, se uma interjeição propriamente dita ou um outro constituinte preceder um vocativo, teremos um destinatário e não um chamamento. Para efeito de ilustração, repetimos, a seguir, com (17)a., a construção exemplificada em (17)b.:

- (17) a. Ô Maria, é hoje o dia do seu aniversário?  
(Moreira, 2013).

b. É hoje o dia do seu aniversário, ô Maria?

Nestes exemplos, a partícula “ô” juntamente com o vocativo desempenham função de chamamento. Observe-se que a partícula

licencia a ocorrência de vocativos, independentemente da posição na oração. Em (17)a, a sequência “partícula de chamamento + vocativo” se situa à esquerda da oração, ao passo que em (17)b., esta sequência se realiza em posição final.

Passa-se, na próxima seção, à apresentação dos dados e à descrição da metodologia utilizada na realização do presente estudo.

## Métodos

Como mencionado na Introdução, a nossa amostra foi composta por “cartas de sociedade” direcionadas ao Papai Noel. Foram utilizadas 200 cartas, das quais 40 pertencem a cada um dos cinco grupos citados na nota 4, acima.

Foram levantadas as ocorrências de vocativo existentes nas cartas e obtivemos um número de 332 vocativos.

Os dados foram codificados considerando-se a posição do vocativo na oração, isto é, se este constituinte ocorria à esquerda, como nos exemplos de (18) a (22), à direita, em (23) ou dentro do enunciado, como em (24), nos exemplos abaixo:

(18) Papai Noel

(Carta 70 - Criança menina)

(19) Olá papai-noel!

Meu nome e [...]

[...] moro com a minha

(Carta 68 - Criança menina)

(20) Querido papai Noel eu me chamo [...]

[...] eu tenho 11 anos,

eu tenho uma irmã [...] de 9 anos, e

meu irmão [...] 2 anos,

(Carta 70 - Criança menina)

(21) Papai Noel eu sonho em ganhar um carrinho de controle remoto

(Carta 218 - Criança menino)

(22) Ola! querido papai noel Eu gostaria com muito amor de lhe pedir um material [ilegível] escolar bem bonito pois nunca tive materiais bonitos

(Carta 52 - Criança menina)

(23) minha mãe está grávida e desempregada e não tem condições de me comprar um presente papai noel

(Carta 225 – Jovem menino)

(24) Escrevo esta carta papai noel porque não aguento mais ver o sofrimento da minha mãe.

(Carta 396 – Jovem menino)

Observamos que, dentre os vocativos iniciais, é possível diferenciar aqueles que ocorrem isolados, isto é, como forma de saudação, antes de iniciar o texto propriamente dito da carta, como exemplificam as construções em (18) e (19), daqueles que ocorrem no início de uma oração, sejam estes precedidos ou não por partículas de chamamento, como nos exemplos de (20) a (23). É importante mencionar que não encontramos vocativos precedidos por partícula de chamamento nas posições medial e final.

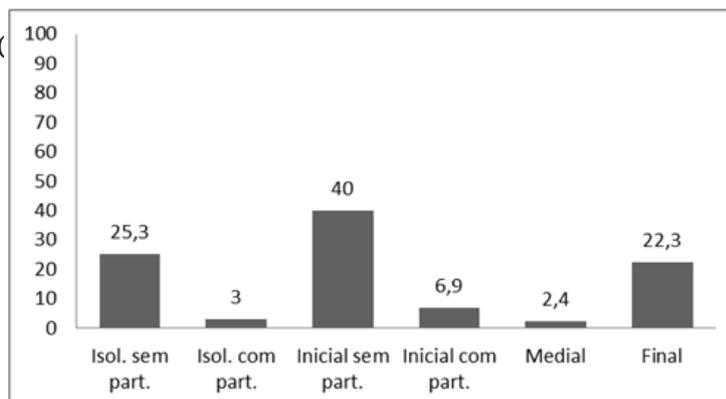
Como dissemos, o vocativo é o elemento da escrita que carrega consigo uma marcação prosódica mais destacada, mais perceptível. Tal prosódia deve ser diferente conforme sua posição na sentença ou, se isolado, precedido ou não por uma partícula de chamamento ou interjeição. Cumpre notar que, dado esse caráter destacável, a prosódia do vocativo pode ganhar conotações pragmáticas.

Na próxima seção, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise quantitativa.

### Resultados numéricos gerais

Como foi dito na seção anterior, o gênero carta conta com vocativos isolados que figuram em seu topo, além daqueles que ocorrem no início da oração. Estes vocativos exercem função de chamamento e podem ou não ser precedidos por partículas de chamamento como “oi”, olá, “psiu”, dentre outras. O gráfico 1, a seguir, mostra a percentagem relativa à distribuição dos vocativos encontrados:

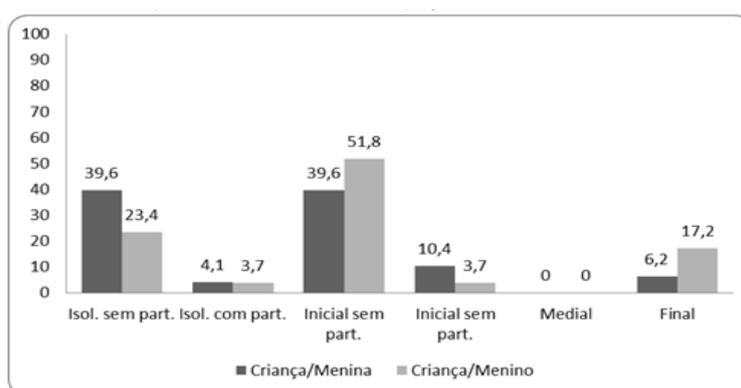
Gráfico 1: ( a oração



Os vocativos iniciais não precedidos por partículas de chamamento ocorrem com maior frequência (40%). É também considerável a percentagem de realização de vocativos isolados não precedidos por partícula (25,3%) e dos vocativos que se situam em posição final (22,3%)<sup>4</sup>. Todavia, há um baixo número de realização de vocativos isolados precedidos por partícula (3%) e, respectivamente, daqueles que ocorrem em posição medial (2,4%). Temos, portanto, 250 ocorrências de chamamento (75,3%) e 82 construções contendo vocativos, mediais e finais, que desempenham função de destinatário (24,7%).

Os resultados relativos à distribuição das ocorrências de vocativo considerando-se os grupos criança menina e criança menino são apresentados no gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2: E grupos cri



oração pelos

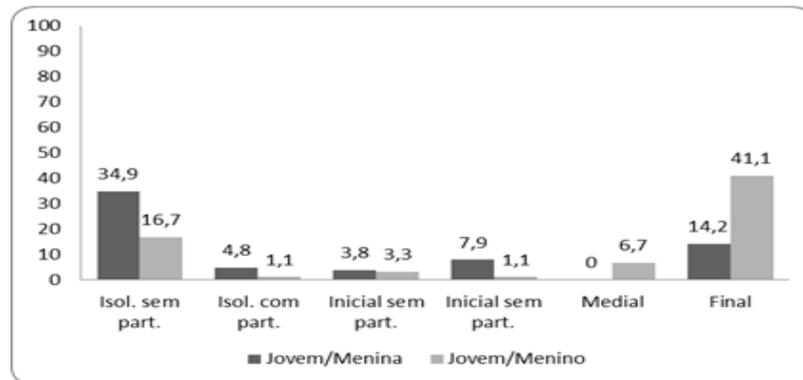
O gráfico mostra que as crianças, de ambos os sexos, utilizam com frequência vocativos isolados e iniciais. Observe-se que o número de vocativos isolados e iniciais não precedidos por partícula de chamamento utilizado pelas meninas é coincidente (39,6%). Veja-se a preferência por vocativos iniciais precedidos por partícula (10,4%), pelas meninas, comparado ao uso destes pelos meninos (3,7%). Destaca-se o índice de ocorrência de vocativos iniciais não precedidos por partícula de chamamento pelo grupo criança menino (51,8%). É também

<sup>4</sup> O considerável índice de ocorrência de vocativo em posição final era esperado, tendo em vista o processo de mudança de ordem do vocativo na oração, identificado por Moreira (2008). Utilizando um corpus constituído por peças teatrais escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX, a autora verifica que a frequência da ordem [Vocativo + Oração] decresce ao longo do período de tempo considerado, ao passo que o perfil da ordem [Oração + Vocativo] é ascendente.

representativa a realização de vocativos em posição final (17,2%).

Apresentamos, a seguir, os resultados relativos ao uso de vocativos pelos jovens:

Gráfico 3: Emprego de vocativo em diferentes posições na oração pelos grupos jovem menina/menino

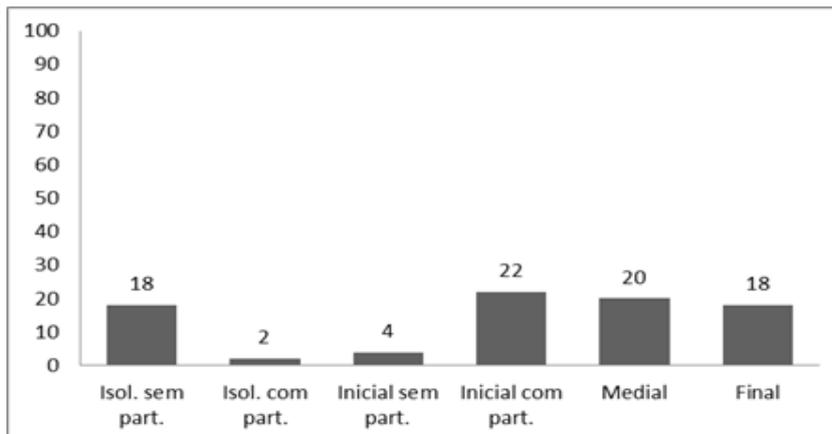


De acordo com o gráfico acima, o vocativo é mais utilizado pelas jovens meninas quando está situado em posição inicial e não há precedência de partícula de chamamento (38%). É também alto o índice de ocorrência de vocativos isolados precedidos por partícula (34,9%).

O grupo jovem menino apresenta um perfil diferente, uma vez que são mais produtivos os vocativos que ocorrem em posição final (41,1%). Em segundo lugar, observa-se a ocorrência de vocativos iniciais não precedidos por partícula de chamamento (16,7%).

O gráfico 4 apresenta os resultados referentes ao emprego do vocativo em diferentes posições sintáticas pelo grupo adulto.

Gráfico 4: Emprego de vocativo em diferentes posições sintáticas pelo grupo adulto



O uso de vocativos em diferentes posições na oração pelo grupo adulto, comparado com as duas outras faixas etárias, é mais homogêneo, isto é, há uma regularidade no que diz respeito ao seu uso. Observe-se que os vocativos iniciais precedidos por partícula de chamamento são os mais produtivos (22%). Esse percentual é relativamente alto se compararmos com resultados obtidos para as crianças e para os jovens.

Em resumo, a partir dos resultados, é possível depreender que:

(i) Vocativos finais são produtivos na escrita do sexo masculino, ao passo que os isolados e iniciais são os preferidos do sexo feminino<sup>5</sup>;

(ii) O grupo criança menino utiliza vocativos finais com maior frequência que o grupo jovem menino, o que evidencia uma tendência de aumento do índice de ocorrência destes vocativos, considerando-se a faixa etária de indivíduos do sexo masculino;

(iii) O uso de vocativos em diferentes posições na oração pelo grupo adulto é mais homogêneo em relação aos outros grupos.

### **Comentários finais**

O estudo realizado evidencia a relação existente entre a caracterização prosódica, a estrutura sintática e as diferentes funções pragmáticas do vocativo. Como demonstrado, as diferentes características prosódicas do vocativo são decorrentes de sua distribuição. Tais diferenças aproximam o vocativo em posição medial do vocativo em posição final – que desempenha função de destinatário – em oposição aos isolados e iniciais, que configuram chamamentos.

A partir da utilização do gênero carta para a constituição da amostra e da análise prosódica, foi possível quantificar e mostrar a distinção entre vocativo isolado e inicial, além das indicações de chamamento e de destinatário. Através da análise da realização prosódica do vocativo, de acordo com tais posições, mostramos a focalização de determinados termos e apontamos para certo padrão, conforme o posicionamento na oração. Ainda pela análise das realizações prosódicas (experimento feito, mas não apresentado aqui, para não nos alongarmos muito), pudemos identificar algumas pequenas diferenças entoacionais que apontam para uma modulação diferente entre homens e mulheres. Pudemos, também, identificar alguma informação pragmática que faz

<sup>5</sup> Isso não pode ser afirmado para os adultos, já que não houve uma divisão por sexo nesse grupo.

a diferença entre as diferentes elocuições. Estamos, no entanto, cientes das limitações desse trabalho pela dificuldade de se deduzir, da forma escrita, dados entoacionais.

## Referências

ABALADA, S.; CABARRÃO, V.; CARDOSO, A. O vocativo em português europeu: estudo de parâmetros prosódicos em vocativos em diferentes distribuições. Textos Seleccionados. In: XXVI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 26, 2011, Lisboa: APL, 2011.p.1-16.

BATISTA, Renata J. A ênfase na locução do repórter de telejornal, 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. 37.ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CAMARAJR., J. M. Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARVALHO, A. S. A. de. Considerations on European Portuguese Vocatives. Communication presented on the WORKSHOP VOCATIVE. Bamberg, 2010.

CEGALLA, D. P. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Nacional, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições Sá da Costa, 2000.

D'ALESSANDRO, R. ; VAN OOSTENDORP, M. Southern Italian vocative morphology at the interface between syntax and phonology. WORKSHOP ON THEORETICAL MORPHOLOGY. Leipzig.: University of Leipzig, 2010.p.1-22.

DEHÉ, N. ; KAVALOVA, Y. Parentheticals: an introduction. In: DEHÉ, N. Dehé; KAVALOVA, Y. (Eds.) Parentheticals. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

\_\_\_\_\_. Parentheticals. In: Louise Cummings (Ed.) Pragmatics Encyclopedia. New York: Routledge, 2009.

GONÇALVES, C. A. V. Focalização no Português do Brasil, 1997. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (UFRJ).

\_\_\_\_\_. Foco e Topicalização: delimitação e confronto de estruturas. Revista de Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v. 7, p. 31-50, jan./jun. 1998.

HELDNER, M.; STRANGERT, E. Temporal effects of focus in Swedish. Journal of Phonetics, 29, p. 329-361, 2001. 213 p.

HILL, V.; STAVROU, M. Vocatives: how syntax meets with pragmatics. Brill: Ohio, (Series: "Empirical Approaches to Linguistic Theory"), 2013.

KENNEDY, B. Focus constituency. Journal of Pragmatics, 31, p. 1203-1230,

1999.

LEITE, Délia Ribeiro. Estudo prosódico sobre as manifestações de foco, 2009. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. ; MAGALHÃES, José Olímpio de. Análise da influência do foco sintático no padrão do foco prosódico contrastivo. *Revista Linguística*, v. 6, n. 1, p. 58-72, 2010.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

MAKINO, M. S. e MEDEIROS, B. R. de. Padrões de pitch de palavras em sentença com foco em português brasileiro. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS XXX CD Rom*, 2001.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed.Caminho, 2003.

MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.

MORAES, J. A. de. Variações em torno de tema e rema. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, UERJ, 2006, Rio de Janeiro Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: UERJ, vol. IX, nº 17, p. 279 -289, 2006.

MOREIRA, J. C. O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística. 2008. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no Português Brasileiro. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

OSENOVA, P. & SIMOV, K.I. Bulgarian Vocative within HPSG framework. In: PROC. OF THE 9TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON HEAD-DRIVEN PHRASE STRUCTURE GRAMMAR, 2002, Kyung Hee University, Seoul, South Korea, p. 94-100.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987. 169 p.

Recebido em: 30 de ago. de 2016.

Aceito em: 26 de dezembro de 2016.